



# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Director e Editor: PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

14 DE JULHO DE 1956  
Ano XII — N.º 323 — Preço 1\$00

## Nota da Quinzena

Estiveram aqui há dias duas raparigas da JAC (Juventude Agrária Católica) que conseguiram erguer duas casinhas na sua paróquia, heróicamente. Conversamos. Nós temos a faculdade de manter na terra conversas do Céu; o assunto Pobres é de lá. As duas jacistas disseram por palavras suas que a presença e serviço prestado pelas duas casas, veio levantar o grave problema da freguesia: — «agora é que a gente vê o que é preciso». Trata-se de um território extenso e denso, nas proximidades da cidade do Porto. Elas deram volta. Encontraram a multidão dos encurralados dentro do mesmo tapume, dormindo numa só enxerga, com vergonha de aparecer aos homens e medo da luz do sol. Sexos, idades,

doenças, — tudo no mesmo lote. Elas viram com seus olhos e procuram agora remediar. Quem é que lhes mostrou e as convenceu de que é necessário fazer, quem? O que já está feito. Eis.

A imprensa informa e a experiência ensina o constante aumento da população nos continentes de todo o mundo; e para este «mal» não falta quem procure, use e aconselhe «remédios».

Até a lei tem interferido. Até os governos. E os «cientistas» é que são. Tudo se passa como quem ignora ou finge ignorar a presença e governo de Deus no que é Seu. Mas nós não. Sendo do mesmo tempo, somos de outra cartilha e assim afirmamos que um dos remédios eficazes para ir ao encontro da natalidade, é fornecer aos que chegam uma habitação nova. Nem outra coisa faz o pai de família, quando nota que o número de filhos aumenta; alarga a sua casa ou constrói outras ao pé. Ora nós somos uma família. Os cristãos assim se consideram e vivem desde o princípio.

A observação daquelas duas raparigas na sua terra natal, estende-se a todo o país, onde ora se está construindo em grande escala. Também ali os interessados observam e sentem da mesma sorte: — «agora é que a gente vê o que é preciso».

Um silêncio talvez de séculos abafou. Tirou as forças. Levou os oprimidos a uma quase convicção, e o sono solto dos chamados poderosos ia produzindo uma paz que não é de maneira nenhuma a de Cristo Senhor Nosso. Eis que finalmente chegou a hora. Sem protestos. Sem a rua. Sem derramamento de sangue. Sem nada do mundo, temos a Caridade a folgar. Folgar com o Bem. Uma casinha feita e entregue, chama por outra. Uma família socorrida, chama por outra. Aquela situação trágica dos Misturados, liberta-se e faz que outros se libertem. A consumação do Bem reduz o Mal.

Começa a criar-se uma nova mentalidade. Hoje dá gosto e vai-se descobrir nas montureiras humanas o homem que ali permanece e como permanece. É estilo do amor perfeito. Antes que nos peçam vamos nós ao encontro de quem precisa. «Agora é que a gente vê».

E dantes? Dantes era o sono solto. A ignorância afectada. Estava lá tudo, mas não se via nada.

Cont. na pág. DOIS

## AQUI, LISBOA!

POR PADRE CARLOS

Foi há uns quinze dias. Uma chamada de urgência. Não sendo médico, poderia supor-se que se tratava de sacramentos a doente. Pois não senhor. Em um bairro delas, uma barraca fora deitada abaixo. E eu fui encontrar pai, mãe e quatro crianças dos 7 anos aos quinze meses numa plataforma emoldurada pelas madeiras velhas e latas que tinham sido paredes e telhado. Na noite anterior choviscara. Depois, houve calor e vento. A cama, a mesa, o fogareiro a petróleo, um banco, os tachitos em que se cozinha e come — eram todo o mobiliário, enxada de moscas. As crianças semi-vestidas, sujas, de ventres obesos. Quem conhece estes lugares constroem o resto do cenário.

Soube a razão daquela medida. Há cerca de cinco meses a dona da barraca tivera um conflito com a vizinha sua mãe, que chegou às vias de facto. A autoridade que lavrou o auto disse-me até que a iniciativa da questão pertencia à mãe e que fora esta a agressora, mas, como era mãe, a dita autoridade resolveu (se com justiça ou não, tenho minhas dúvidas) dar por culpada a filha.

O caso passou. Cinco meses rodaram. E agora, por castigo «adequado» àquela ré tão arbitrariamente constituída, deitam-lhe a barraca ao chão e arrastam na queda daquele pobre teto marido e 4 crianças que não tiveram parte alguma

na questão. Haverá proporção entre culpa e castigo, sem a qual o direito não tem fundamento?

Soube também que aquela mulher tem génio e não deve muito à boa educação. Não admira. Isso é o comum em todas as curraleiras e bairros... Portanto, não me proponho defender o indefensável. O que fica de pé é o problema humano de uma família com quatro filhos, que mora a céu aberto, rodeada pelo que antes lhe seria de miserável morada, conteúdo superior ao nada que agora os não abriga.

Claro que este castigo ninguém o toma por proporcionado àquela culpa. Esta deu pretexto a um pequeno avanço na luta contra barracas há muito encetada nesta cidade cada vez

mais linda à flor da pele... e só. Tentei uma diligência. Foi em vão. Disseram-me que nem ali nem em outro lugar consentiriam a reconstrução. E, se tentassem fazê-lo sem licença, voltariam a destruí-la. Naquela entrevista não ouvi mesmo outra palavra além de destruição.

Fiquei com pena. Estão os homens, diante dos problemas dos outros homens, que eles causam ou complicam, não têm palavras nem ideias de valor positivo? Para além da barraca, dos trastes, da má-criação (que nós, bem instalados, teríamos, no mesmo grau, ou maior, se iguais fossem as condições de vida), não fica de pé uma família com 4 filhos, que dorme ao relento e vive ao sol ou à chuva consoante Deus dá?

Cont. na pág. TRES

## OS ANALFABETOS DE PORTUGAL

Todos os portugueses sabem quanto hoje se trabalha na nossa mui querida Pátria para tirar manchas e dar a cada homem o que lhe pertence. Era de uma vez eu empregado em terra de estrangeiros. Eramos dúzias de rapazes, categorias e profissões. Eu admirava sobretudo a classe operária, de onde saía dantes a grande massa dos nossos analfabetos. Pois aqueles, naquele tempo, apenas o sino tocava, deixavam as ferramentas, iam a suas casas, mudavam de roupa; banho, dentes, barba, tudo feito. Sentavam-se em qualquer grupo e onde fosse a conversa, aí estavam eles; se política, se religião, se desporto, se quê. Maior era ainda o meu espanto, ao observar o conhecimento das causas e a sua equilibrada apreciação; e por fim as maneiras civis de cada um. Ora todos eram da classe a que chamamos instrução primária. Não foi nos seus cursos que aprenderam; a escola preparou o terreno, mas não lhe deu aqueles conhecimentos. Estes vieram mais tarde com a vida. «Quem quiser saber, tem de andar ou ler», diz o povo.

A Campanha do Analfabetismo está neste pé. Antes foi o esforço de ensinar, agora é dar o gosto de saber. Rádio, cinema, excursões, leitura; tudo quanto possa embelezar a alma e levantá-la à contemplação das coisas divinas, baseadas nos rudimentos das coisas da natureza. «Missões» chama a Organização aos que vão pelas terras ensinar. «Missionários», chamamos nós a cada um que ensina. Ditosa Pátria.

## CALVÁRIO

Mais um donativo de catorze contos. Mais 50\$. Mais o dobro de Castelo Novo. Mais metade do Porto. Mais outro tanto — «a mensalidade do corrente mês de Julho». Já há mensalidades! E este oferente ajunta: «amando os homens por amor de Deus, por vosso intermédio, querido Pai Américo». Mais 200\$ no Espelho. Metade, idem. Metade de Coimbra, — «em memória de um filho que fazia hoje 25 anos e que morreu com uma doença incurável». Um

epitáfio! Mais o senhor de Lourenço Marques, que parece ter jurado ficar pobre e não faltar com o cheque de 500\$ mensais! Ele chama-lhe invariavelmente — «uma migalhinha para o Calvário». Que havemos nós de dizer aqui dos 20\$ — «dos cigarritos de um doente hospitalizado, que continua a pedir umas orações pelas suas melhoras» — que havemos de dizer?

Mais 100\$ de Mira de Aire. Outro tanto do Porto. O mesmo de «uma viúva de Mafra». Idem de Carviçais. Idem da Beira, África. Mais 200\$ de Lisboa — «cotas de Março, Abril, Maio e Junho». É o assinante 12.032. Mais 50\$ no Lar do Porto. O dobro de M. A. Mais a segunda remessa de 20\$ de Aveiro. Mais tudo quanto têm deixado no Espelho. Mais a roupa de cama — «de minha filha que morreu aos 27 anos. Pudesse eu vestir todas as camisas do Calvário», continua a carta. E mais adiante: «não posso nem sequer sei expressar o que sinto em face dessa Obra; é um misto de assombro, comoção, respeito, recolhimento. Dá-me vontade de ajoelhar e rezar».

Se uma simples ideia leva os homens a estas alturas, que fará quando vier a ser uma Obra realizada? Quem arranca jestos e lágrimas? Quem pode reunir e recolher num mesmo pensamento «assombro, comoção, respeito, recolhimento», quem?! Só a interioridade da Vida de Jesus é capaz de provocar a força interior das almas. Mais nada.

## O nosso Jornal

**C**ONTINUA a ser o caso do dia e quantos anos lá não vão! Continua a ser esperado com o mesmo interesse o «dia da venda»; e aquele ou aquela, não se sabe quem nem porquê, continua fazendo violência para esperar quinze dias, ir procurar ao sítio o rapaz, comprar o jornal, dar-lhe um beijo na face e ir para sua casa, à espera da próxima quinzena! Não importa que tivesse encontrado desta vez um vendedor diferente; não é aquele rapaz que se procura e ama. É o Abandonado. O mundo quer amar. Todos nós somos portadores deste desejo estuante, que por vezes chega a causar fome e sede. Dê-se alimento ao coração dos homens; alimento adequado. Ora os nossos vendedores, matam a fome e a sede. É justamente por isso que os mandamos aos grupos, todos os quinze dias, a todas as terras de Portugal.

Só por isto não; temos outra razão. É a escola. Fazemos da venda nas ruas uma aprendizagem. Muitos rapazes tentam-se e guardam para si dinheiros que lhes não pertencem. É natural. É mesmo preciso que eles cometam o mal para nós termos ocasião de os ensinar o bem.

Agora o que nós pedimos porque muito precisamos, é que nos ajudem na campanha dos cinquenta mil. É muito bem que julguem e nos digam por carta, como há dias se recebeu uma, — «o único jornal vivo que em Portugal se publica». Esta carta é de Coimbra e vem de uma «República». Os frequentadores de «repúblicas» hoje, são amanhã os homens do Parlamento. Gosto que assim pensem do jornal e que jamais venham a ter razão de se afastar. Sim. Tudo muito certo mas... vamos os cinquenta mil.

## Agora

## Património dos Pobres

## DOCTRINA

Deixem passar o assinante 4.811, um da primeira hora, que leva na mão 50\$ a dizer que não se aborrece com a leitura do jornal nem das causas que o dito advoga. Imediatamente a seguir vai a Maria do Céu com meia casa, seis contos, e até ao fim deste ano, espera saldar. É uma promessa. Ela deseja cumprir; ela e seu marido, já se vê. Se não fossem os Dois a promessa não valia. E cá andam «os quatro irmãos» com a sua prestação mensal. Temos de os aturar. O que vale é que são muito sossegadinhos. O Alberto do plano decenal já vai no segundo ano e manda-me cumprimentos. Pois que aceite outros tantos. Mais um anónimo com 100\$ para ficar bem nos exames. Se estudou, fica bem. Se não estudou, fica mal. E este lisboeta? Pelo menos a carta é de Lisboa. Ora oçam: «mando 500\$ da primeira prestação da casa — «A minha Noiva» e por baixo as iniciais «J. L.» A seguir e no mesmo cartãozinho, diz assim: «total em dívida 11.500\$» e quer saber o local onde a casa vai ser construída. Ora isto é espantoso de coragem e de certeza. Que linda mocidade! Que bela dedicatória! Quem não há-de deplorar as manchas do mundo ao tomar conhecimento de tanta formosura! Sim senhor. Eu que ponho tudo no cesto, cheguei ao seu cartãozinho e não tive coragem. Está guardado.

Agora largueza. Arrumem-se. Esta procissão não enfada, por isso a ela acede sempre um mundo de milhares e milhares. É um modesto médico do mato. Ele diz assim: «o meu sonho e de minha mulher é fazer uma casa para os pobres e depois fazer uma para nós». A primeira parte está cumprida. A segunda parte é o próprio Deus que lhe vai fazer. Faz sim senhor. E fá-la-ia para todos, se todos fizessem como este modesto médico do mato. «Eu sou o assinante 1908 do nosso querido jornal», diz ele. É da primeira hora. Tem lido e acreditado e pago a sua assinatura com 500\$! E agora meu querido doutor, com sua mulher e filhos, aí no mato de Angola escolha o sítio, que o nosso Bom Deus vai sugerir a hora. Outra afastada por favor. Vem lá Rotterdam. Um casal que ali habita, deixou-se contagiar pelo que vai hoje na nossa e deles querida pátria e pediram um lugar na procissão. A casa deve ostentar a placa — Casa Zana — diminutivo de sua esposa. Sim senhor.

A seguir à primeira prestação do Pessoal da Belarte do Porto (3.000\$), chega hoje a segunda de 2 contos. Eles pretendem erguer uma casa com suas valiosas migalhas. Deixem passar. humildes ao serviço dos Pobres.

Visado pela  
Comissão de Censura

Mais doze magníficas moradias, a juntar às oito que já eram na freguesia do Carvalhido. O pároco não perdeu um palmo de terreno que a Câmara do Porto ofereceu. A sua paróquia é consagrada ao Coração de Jesus. Nome Terrível!

Mais seis delas em Guimarães, não dentro da cidade por via dos planos de urbanização; são fora dos muros e as primeiras de uma grande série que os vicentinos e seus párocos desejam levar por diante. Deus os ajude. Alhandra. Caxarias. Viatodos. Torres Novas além de casas que quer também um «Calvário». Moura,

Chegamos ao dia 30 de Junho com 140 e duas construídas ou em construção, o que significa vinte e duas ao mês. Isto é uma Renovação do mundo!

Em Parada do Bispo estão 6, no sítio que foi uma vinha, mesmo à beira da estrada nacional. São casas dominantes, espaçosas, arejadas e todas com loja. Alguém da freguesia ofereceu o valioso terreno. Outro alguém, trinta contos e o resto é posto pelo Santuário de Santa Eufémia, cuja romaria se faz em Setembro. Aqui se deixa a receita para os muitos e alguns mui rendosos santuários da nossa terra. Temos de dar uma palavra aos Directores da Urbanização e da Junta Autónoma das Estradas, Viseu, pela forma como ali estiveram e viram e despacharam. Assim tem de ser. Leis, códigos e regulamentos são feitos para o homem e não este para aqueles.

P.e Duarte de Fontelo, é o responsável por estas seis casas, além de mais cinco ali construídas e mais em construção. Ele jurou dar-se e é inesgotável. Fundou um posto médico em casa própria com uma rede de médicos, enfermeiros e o mais que diz respeito a tão delicada missão. Tem curado tantas e tais feridas por aquelas redondezas, que os amanuenses da Delegação de Saúde, como é normal,

queixam-se dele às Entidades oficiais.

Covilhã entregou mais quatro, das dezoito que dentro em breve deseja completar, em terreno oferecido. Era um domingo. Estava o Ex.mo Prelado e Presidente da Câmara. Alguns sacerdotes. Tirante os Condes da Covilhã, que ofereceram o terreno, tudo o mais era da família vicentina, de onde facilmente se conclui que a entrega de casas a gente pobre, não é de maneira nenhuma um acontecimento para a cidade. Por Condes da Covilhã é-me grato dizer que deles recebo sapatos

Continua na quarta página

## Chales de Ordins

Esta coluna é de caridade. Pessoas amigas queixam-se de que há quem pretenda, mas lá mais para diante. Bem queriam mandar muitas encomendas, mas não podem. Ora «lá mais para diante» não é caridade, porque, então, não faltará quem nos bata à porta.

Caridade é assim: «apenas agora me é possível remeter-lhe junto um vale para um chale dos grandes. De resto, segundo leio no último número do «Gaiato» talvez agora convenha mais, porque estamos no verão, o trabalho diminui mas as famílias comem na mesma». Por falta de recursos, e uma vez que não necessitava do chale, no verão, podia muito bem guardar a sua generosidade para o inverno. Mas não. A caridade vem quando o próximo precisa de nós. Espreite o momento mais oportuno. «Talvez agora convenha mais». E aparece. O egoísmo só vê a si mesmo. A caridade vê que «no verão o trabalho diminui mas as famílias comem na mesma...»

A Póvoa de Varzim encomenda dois dos médios, com 200\$. Há por lá gente à espera. Querem ver primeiro. A Pó-

voa leia Caldas da Rainha: «Os branquinhos que já vieram, eram um sonho. Lindos a valer». Depois do superlativo, que mais se poderá dizer? Santo Tirso também quer um branquinho. Envia 70.

Castelo Novo um grande. Coimbra 100\$ para um médio. Almgre um grande, com 130\$. Lisboa com 100 um médio. Mais Lisboa 5 dos pequenos, com 350\$. Ainda Lisboa 90 para um médio. E para o correio? Covelas 220\$ para um grande e outro médio. «Precisava que eles me fossem remetidos até fins de Julho ou princípios de Agosto». Compreensão e caridade. Deixa-nos respirar. Cumpriremos.

Lagos com 70 um dos pequenos. Porto também um dos pequenos. Penafiel, com uma nota de 500\$, três dos grandes. Em Nazaré, as religiosas não dormem. Ora leiam: «Continuarei a fazer propaganda e creio que se venderão bastantes no nosso hospital, para ajudar essa grandiosa obra». Um vale de 160\$ para um médio e um pequeno. Lisboa com 300\$, um de cada tamanho. Benavente 270\$ para três pequenos.

Padre Aires

encontramos mais diminuídos porque tão poucos o fazem. Então quê? Nada. É a «doutrina».

A casa do gaiato de Beire, a princípio indigitada para um lar agrícola ao serviço das mais casas, vai ser, afinal, uma casa de cem leitos, destinada ao atrazado mental. Não existe nenhuma organização no Norte para esta classe de Menor. Não os podemos entregar à Polícia. Família não a têm. A Rua não lhes serve. Eles são nossos. Que fazer pois? Alargar. Ir por mais encargos. Aumentar despesas, mesmo que assinantes aos milhares continuem como até hoje. Muitos não-de ler esta «doutrina»!...

O «Calvário», onde trabalham equipas de operários, vai ser enriquecido com o pavilhão para grandes anormais — o monstro. Para este género de Menor, nem no Norte nem no Sul. Dispõe Deus na Sua infinita misericórdia que fôssemos nós. Voltamos aos tempos de outros descobrimentos. Vamos enfrentar o Repugnante. Realizar o dogma. Ver no monstro o belo. Na hora de receber os primeiros, nessa mesma vem também o «especialista». Precisamos de regressar aos séculos primitivos da Igreja; buscar homens «cheios de Espírito Santo». Técnicos da Caridade, como hoje lhes chamariam.

O «Infantário de Miragaia» que vai ser conduzido pelas «Criaditas», é um edifício de raiz para o qual não chegaram trezentos contos, mas temos ali a Criança. A criança de leite.

Do «Património dos Pobres», não há mais nada a dizer. Das inúmeras casas conservadas, onde seus donos hoje se abrigam, que sejam eles a falar. De sacerdotes trabalhadores a quem damos a mão, dão testemunho as pessoas que das suas recebem benefícios.

Por estes eaminhos planos que a tantos, e a mim também, parecem grandes encruzilhadas, tem o nosso Bom Deus conduzido a Obra Social mais interrogada e mais discutida das páginas da nossa história. Eu cá também não sei. É preciso que use toda a sinceridade, afim de que os sinceros leiam, meditem e passem a acreditar; e os que já antes acreditavam, aumentem.

Sendo eu o agente visível, não dou fé nem tenho medo do perigo de que amanhã nos possa vir a faltar o preciso. Sinto que em tudo isto anda uma certeza que me domina e assim dominado, uso prudência do mesmo estilo. Sei que chegou a hora social. Que o homem é o valor. Que os samaritanos vencem. É isto que tenho de Deus para dar aos homens.

## NOTA DA QUINZENA

— Continuação da 1.ª página —

Estive ontem de visita a um grupo de casas entregues recentemente. Numa delas é mãe e filha, esta entrada em anos e tida por demente. A rapariga planta-se no meio da sala, olha em redor e exclama: «isto já devia ter sido!» Anda o mundo de tal forma que são os loucos a dar lições aos ajuizados!

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais esta carta:

«Enviamos esta quantia para a obra que é acompanhada com o maior interesse por todos nós. Trata-se dum grupo de alunos do 6.º ano de Letras do Colégio Almeida Garrett no Porto, que tendo realizado uma biblioteca partieular para aquisição de livros sobre Filosofia e Literatura, se cotizavam mensalmente.

Com a chegada do fim do ano lectivo resolveu-se fazer contas e todos foram unânimes em que se enviasse para a «Casa do Gaiato» a quantia que sobrara das citadas cotas.

Não é muito grande a quantia no sentido material, mas é grande no sentido em que é dada, como grande é a obra que V. dirige».

Alguém dos Estados Unidos manda 5 dólares e diz: «contínui com essa missão». Sim. Cá

andamos. Mais 500\$ de Coimbra. Mais 100\$ de Lisboa. Outro tanto, idem. Mais 20\$ de Póvoa de Atalaia. Mais 300\$ de A. B. C. Mais outra carta:

«O pessoal da tecelagem velha da fábrica de fição e tecidos do Jacinto, Limitada, enviam mil escudos das migalhinhas que juntamos durante seis meses. Pedimos um Pai Nosso para que Deus nos dê saúde e trabalho para podermos ajudar os nossos irmãos.

Meu bom Pai Américo, a fábrica é muito grande mas a minha voz não pode chegar a todas as repartições e com isso sinto tristeza em não haver uma pessoa em cada repartição que se interessasse pela Vossa Grande Obra de Caridade.

Que Deus lhe dê muitos anos de vida são os nossos votos sineeros.

Peço o favor para mandarem no vosso jornal o dinheiro que eu enviei pois sou só eu que o guardo e cá também compramos o Gaiato e quero que todos os meus companheiros vejam que o entrego, apesar da muita confiança que em mim têm.

G. T.»

Mais 500\$ «por uma graça concedida». Mais 50\$ idem. Uma remessa de roupas da Alfaiataria Infantil. Uma dita da Meia de Ouro. Um mundo de pacotes no Espelho e também no mesmo sítio uma data de dinheiro. Mais de Peniche uma peça de riscado. Mais 50\$ de alguém que não foi ao Coliseu. Mais do Porto um cheque de três deles «para dar o destino que lhe parecer mais conveniente». Mais 100\$ no Lar. Mais 600\$ de Francelos «por alma do meu adorado e malogrado filho».

# Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

# Isto é a Casa do Gaiato

## RONDA PELOS POBRES

Há quanto tempo não damos um relato da vida amargurada dos nossos pobres; há quanto tempo! Ora a «falta», se é que existe, tem sua razão: «O Gaiato» é pequeno e nem sempre chega para as encomendas.

Como de costume, todos os quinze dias, vamos de abalada por montes e vales, dar e receber. Talvez mais receber que dar. O «talvez» nem fica bem sair da boca dum vicentino. O perfeito será dizer que recebemos mais do que damos. Era uma manhã de Junho, fresca. O sol no horizonte queria romper as nuvens tão pesadas, que houve de subjugar-se. As belezas do campo, a verdura, a vida campesina, tudo isto que o Criador colocou ao nosso lado, para nosso uso e contemplação, aqui, nesta Missão, nesta doce missão vicentina e cristã, é um complemento que nos suavisa e até facilita a longa caminhada. Montes, vales, flores, Vida; tudo convida à meditação. Meditação das Coisas Altas. Que beleza incomensurável o poder de Deus!

Depois de trepar uma colina eis-nos na toca, uma quase corte, do chamado Júlio das Aguiéiras. Este pobre é um homem feliz. Porquê? Não dá pela sua pobreza! Poderia ser um revoltado. Ele conheceu o Brasil. Andou por lá. Soube como se chega a rico num instante... Não. Para ele «outro Poder mais alto se levanta» no dizer do poeta. E a sua vida, a sua vida honrada e séria; a sua vida cristã fê-lo renunciar a todas as «facilidades» do mundo. Que homem! Ele haverá no mundo outro idêntico? Há. Há sim senhor. Mal iria o mundo se não houvesse. Estes homens são Colunas. As Colunas que chamam por Deus perante a onda de miséria que campeia por todos os quadrantes. Miséria nossa. Miséria de todos nós. Os Fortes! Os Abençoados! Os nossos Mestres! Sim, nossos Mestres. Eles são enviados de Deus, para que a sua vida seja exemplo e salvação. Júlio das Aguiéiras é tão completo, que não passa dia em claro sem pôr a vista na «Missão abreviada». Por «Missão abreviada» saibam todos que é uma colectânea de sermões dum pregador que naquele tempo percorreu toda esta facha duriense. O livro é tão duro, doutrina tão forte, que se parece a um agulhão. Ainda outro dia, Pai Américo quis acompanhar-nos na longa caminhada e em casa do Júlio das Aguiéiras fizemos uma pequenina meditação baseada num trecho do livro. Como nos sentimos outros! Felizes momentos.

Mais adiante é o Alcino Mota. Ulcerado. Há uma data de anos incapacitado para o trabalho. A prole é numerosa e a mulher vai dar à luz. Continuamos a trepar e batemos ao ferrolho do Meireles. Outro doente. Ele e a mulher. Outro que foi «brasileiro». Como são os caminhos de Deus!... Pois D. Brízida jazia na cama. Gemia. O sota-

que brasileiro, porque brasileira autêntica, nota-se perfeitamente. As reminiscências duma outra vida, também. É preciso muita caridade para esta classe de pobres. Muita. A propósito eu ainda me lembro duma senhora fidalga. Vivía só, num dos prédios da R. de Santo Ildefonso. Foi um dos meus primeiros amores nesta via dolorosa. Pelas paredes, suspensos, era uma profusão de quadros antigos de gente fidalga. Vergada ao peso da idade, malinha debaixo do braço visitava amigas. Indumentária daquele tempo. Tesouros que havia guardado e de quanto lhe valiam! Pois esta senhora já mais nos pediu um tostão que fosse. Era preciso ver, apalpar, resolver. Como eu me lembro: ela foi a minha primeira mestra.

Continuando a subir deparamos com a casa do «Carvoeiro», o António Ferreira. Outro doente. Muito doente. Como de costume entre os pobres, a prole é numerosa. Os pobres são os nossos mestres... No princípio, as mesas pareciam chão. As camas, um estendal. O quintal, um chiqueiro. A pouco e pouco a vida vai-se transformando. Não o tudo duma vez. É impossível; contraproducente. Hoje limpa-se uma mesa. Amanhã uma cadeira. Depois uma colcha de retalhos.

Mais adiante encontramos o «Caridade». Este amigo é nosso desde a fundação da Conferência. É um pobre difícil. Difícil talvez não diga bem; complica-nos a vida, isso sim. Mas não tem culpa. É um doente mental. Que trabalhos nos tem feito passar! Primeiro, vivia num chiqueiro lá para os lados da Portela e não se dava com a mulher. Depois, conseguimos a paz e arranjamos-lhe uma casa do Património. E ainda um carro por ser paralítico. Pois foi um instante: carro estragado. E mais: ficava por lá, onde muito bem lhe apetecia e tanto que houve de ser confiscado. Actualmente está mal. Inchado e caído. Mandamos chamar o médico. Dieta rigorosa. Na ocasião, porém, só lhe podemos valer no leite — o mais importante — um litro dele por dia. E se mais não fazemos é porque não podemos. Este o nosso lema.

## O QUE RECEBEMOS

É verdadeiramente impressionante a constância dos leitores desta coluna! Isto esmagamos e obriga-nos a trabalhar pelos pobres cada vez com maior vontade. Mais; para nós que somos cristãos e vicentinos, a persistência da generosidade dos leitores, fruto do poder de Deus — que não falta aos Pobres desde o momento que os homens se compenentrem da Caridade para com o Próximo — é um agulhão, doce agulhão, que nos força ao aperfeiçoamento da alma, o que guardamos em nossa frágil condição de mortais.

À frente da coluna aparece

a assinante 10.508, de Moura-morta, com 50\$. Imediatamente a seguir topamos o nosso amigo Raúl Bartholo, do Rio de Janeiro, com 30\$, remanescente do pagamento de assinaturas. Laura Arminda da Silva solta um grito: «só tenho pena de não vos poder mandar mais, mas, por agora, não pode ser», — 10\$. Uma assinante de Barcelos enfileira com 15\$. A assinante 26.169, de Montemor-o-Novo, paga o jornal e «do excedente agradeço o aplique na vossa conferência e de preferência num velhinho canceroso». Eduarda Chaves, de Rio Tinto, 20\$. Adelino Sobral, 200\$. César Pires da Silva não quis faltar e ei-lo com 20\$. Com o pedido de «uma Avé-Maria pelas melhores duma doente», 100\$ de Lamego. Maria Emília Mendes salda uma dívida com a Tipografia e «o resto é para a Conferência», 5\$. Atenção Lourenço Marques: 20\$ da assinante 21.683. Dr. Agostinho Moutinho, 20\$; saudades ao bom povo de Cabeceiras. E, não podíamos terminar melhor: «Os 10\$ excedentes são para uma tuberculosa dos seus pobres da Conferência».

Júlio Mendes

Eu não, mas outros jornais disseram que o casamento do Carlos Gonçalves teve lugar no Bom Jesus do Monte e foi assim. O capelão mostrou-se contente que um gaiato se tivesse ido casar à sua igreja. Outros tem sido em Fátima. Alguns



aqui na capela. Muitos em suas paróquias.

Ontem, não eramos nada. Mais tarde uma interrogação. Hoje um facto nacional. Estamos nos bancos. Nas fábricas. Nas oficinas. No comércio. Na

# AQUI, LISBOA!

— Continuação da 1.ª página —

Não há seis almas em drama? Ou haverá só barraca ou só má-criação? Que é do homem — o grande esquecimento dos homens?

Naquela hora me soavam as palavras pouco antes ouvidas: «Os que desistem de lutar, são indignos de viver». E fiquei com pena, porque aquele que havia de dar solução à minha diligência só tinha uma resposta, e esta negativa: «Se souber que tentaram..., mandarei destruir».

O mesmo quis aduzir por argumento medidas mal tomadas: «Já se fizeram casas e eles ainda vieram em maior número... «Dá-se-lhes dinheiro para regressarem às terras e eles não voltam...» Mas regressar a quê, se as mais das vezes eles já não têm onde voltar!

A única solução que parece eficaz, económica, nacionalizante, moralizadora, é aquela nesta secção desde há nove anos muita vez proposta e defendida por P. e Adriano: Proibir, disciplinar esta corrida caótica à cidade.

Pois Angola e Moçambique, não são províncias como Algarve e Minho? E alguém para ali vai sem carta de chamada, ou depósito prévio da importância do regresso? Porque não algo de semelhante com Lisboa e Porto, sobretudo?

O pensamento do Pai Américo quando sonhou o Património dos Pobres foi este mesmo: fixar à terra, à sua terra, os

desalojados em riscos de tentação pela cidade. E não se revelou o Património, mórmente onde Vicentinos suprem as necessidades além da casa, não se revelou — dizia — uma solução económica de bens materiais e sociais?

Ora o tomar destas medidas pertence ao Estado, mas o interesse por elas não é menor por parte da Igreja. Os Seminários de Lisboa bem conhecem, por vizinhança contígua, a desolação moral de tantas famílias que puderam não se ter perdido lá nos seus meios, onde a virtude ainda se respira na pureza do ar que arterializa o sangue. Aqui, na enxovia e no contacto do vício, os pais perdem a virtude que tinham e os filhos já não chegam sequer a conhecê-la. Que prejuízo tão grande para a Nação!

Ora o problema existe e é medonho. Não se resolve com destruições.

Nós também somos inimigos da barraca. E também a destruímos... no justo momento em que entregamos a chave da casa que a substitue. Mas só destruir não resolve nada. É desumano. É uma falta contra o direito de estar, inseparável do direito de existir.

Não se esqueça o homem do homem; antes, desperte em si o sentido da fraternidade. Só ela lhe dará a chave do problema, que é medonho e reclama luta, dura luta, cuja ausência nos torna indignos de viver.

Padre Carlos

aviação! Seminários. Liceus. Escolas. Tropa. Europa, África e América são hoje territórios conhecidos e discutidos pela imensa família de gaiatos.

Pois senhor Gonçalves está aqui ao lado de sua esposa na hora em que se casaram. De três que me foram apresentadas, escolhi esta fotografia por me ter parecido a mais fiel. Gonçalves, de pequenino, foi dado às coisas da natureza. Vinha o tempo dos grilos e lá ia pelos montes, nas horas do seu recreio, caixota na mão. Chegado da Zambézia e instalado na casa dos hóspedes, que foi sua enquanto esteve, Carlos não dispensou a caixota dos grilos no seu quarto de dormir. E assim foi até ao dia do casamento!

Ora aquela atitude cheia e recolhida em que o fotógrafo o surpreendeu, é uma propensão nata para a grandeza do insignificante — grilos! Deus ajude o novo e feliz casal.

Avelino tem sido na nossa família o maior de todos, porque atende os pequeninos com infinita graça, quando estes lhe vão pedir ao escritório uma caixota para grilos: «Ó Avelino, uma caixota». E ele deixa o que está fazendo e atende e escolhe de entre as boas a melhor e perfura e entrega.

Ora na falta de mestres de vida espiritual e de tiradas que fazem santos, vai-se a gente remediando com grilos cantadores até ver.

X X X

Encontrei-me ontem algures com um dos nossos, vivendo há muito sobre si, num emprego pouco remunerador, sim, mas espera-se que as coisas melhorem. Mesmo que não saibamos fazer dela virtude, a esperança é uma qualidade do homem.

O Rapaz frequenta uma escola da noite; tenta instruir-se para melhor se colocar. Quem lhe leva a mal? Enquanto me fala dos seus progressos, desabafa uma grande mágoa. Tinha sido ontem. Professores mandam a cada aluno escrever o nome dos pais. Todos o fizeram e foi justamente neste ponto que o Rapaz se feriu: «Tive de escrever pai incógnito», disse-me ele. «Quando era catraio», continua, «não sabia pensar». Quedou-se em grande tristeza. As lágrimas eram em fio. «Eu sei quem é o meu pai e ele sabe quem eu sou», torna a desabafar.

Não há muito que Senhor Ministro da Justiça se fez rodear do Pessoal que trata da vida e sorte de Menores, nos vários estabelecimentos do Estado. Nós não fomos ali chamados, mas se lá tivéssemos ido, havíamos de levar nos nossos olhos as lágrimas daquele mancebo. Era a eloquência do Congresso. Ninguém falaria mais alto; lágrimas do Abandonado! Não iria ali dizer nada da forma como se devem tratar as chusmas dos do Reformatório, mas sim como se devem eliminar. Mais paternidade e menos substitutos. Para não irmos a outros, discutiríamos o caso presente. «Eu sei quem

Continua na quarta página

Colabore na Campanha dos cinquenta mil

# PELAS CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

—Esteve em Portugal em curto período de férias o nosso muito amigo, Senhor Doutor António Napoleão Vieira e Sousa, mui digno chefe das Alfândegas de Luanda. Não pôde vir a Paço de Sousa, mas prometeu que para o ano não podia faltar. Muito obrigado pelas notícias e cá o esperamos ver no nosso meio em 57. Que continue a ter muita saúde e a trabalhar por um Portugal maior.

—A uma admiradora de «O Gaiato», digo que sim, que tenho cumprido nos pedidos que me foram feitos. Que o Senhor a continue a ajudar. Grato pelos impressos enviados. Se precisar de alguma coisa, disponha de nós.

O mesmo digo ao simpático casal Fernandes, da cidade do Porto, amigos da primeira hora. Não me tenho esquecido, em nome de todos os restantes irmãos, de os recomendar. Tenho a absoluta certeza que o Senhor nos há de ouvir. Quanto ao chaile, pode aproveitar a ocasião de quando cá vier fazer a encomenda. Mortinho por isso está o Senhor Padre Aires, que a estas horas já deve estar a esfregar as mãos. Quando estiverem com amigos, já sabem: fazer propaganda. É ou não, Sr.ª D. Aurora?

—Porque é que tens esse olho negro?

—Foi o Tutoria!

—Que é que ele fez?

—Deu-me um sopapo.

—Porquê?

—Foi assim: vinha com uma avançada, fiz-lhe uma *jinta-careca* e o tipo vingou-se, mas não há-de ficar assim, não! Não perdes pela demora...

Foge que o tipo está «bravo»! Até é capaz de lhe atirar com o corpo às unhas, comenta um que ouvia a conversa!

—O nosso grupo Cénico foi convidado a deslocar-se a Lever—Crestuma. Vamos tentar ensaiar o melhor possível para não fazermos má figura. O Sejaquim já se pôs em campo com a cana na mão para não nos deixar ficar mal... Para a ocasião a coisa deve ser falada...

Irá a Capoeira, Loja do Mestre-André, tenores acompanhados à pistola e o conjunto: *Quem manda aqui é gé...* Estará no palco o conjunto barulhento: *Tirões de Algueiros de Baixo...*

—Temos tido fruta nas refeições. São ameixas e pêssegos. Alguns já se adiantaram e foram mesmo, para tirar trabalho aos do campo, colhê-los, mas foram mal sucedidos, pois foram apinhados com a boca na botija e toca a entrar por medida de S. Miguel!...

Tem-se destacado o Limões e é o que tem sido mais *felicitado*! Vamos a ver se tomam emenda, quando não ficamos a arder e isso não é bonito nem sabe nada bem.

—O Grupo Desportivo tem estado um pouco parado mas isso é sol de pouca dura. O nosso conjunto é forte e por isso todos querem ter a primazia de o derrotar. De mais mais, já há quase dois anos que não perde e os nossos adversários estão com vontade de nos tirar as peneiras... Vamos a ver quem mata o carneiro! Os nossos próximos adversários são: Atlético Clube de Espinho, Futebol Clube de Famalicão, Nuno Alvares e União de Paredes. Como estão vendo os leitores, à excepção do Nuno Alvares, são desafiados de se lhe tirar o chapéu. Deus queira que nos portemos como até aqui.

—Vou acabar estas linhas, para dar uma *amassadela de quico* ao Zé da Nela, por estar a fazer pouco da caneta com que estou a escrever. Se não presta que me arranje outra melhor, não é assim?

Dos que estão tomando conhecimento do caso, quem levanta o dedo?

## UMA FESTA

Foi a celebração da segunda missa do Senhor Padre Sobral, na capelinha da nossa aldeia—centro de todas as nossas actividades.

A sua chegada à «Aldeia dos Rapazes» registou-se no dia 2, pelas nove e meia da noite. Estava tudo a postos para a recepção. O cruzeiro e a entrada da capela estavam enfeitadas com palmeiras e flores. Das escadas deste

até ao portão principal, estava a avenida atapetada com serrim tingido, dando um aspecto soberbo. Isto deve-se ao generoso esforço do Manuel Coco, Manuel Jorge, António Machado, e Formiga.

Acabamos de rezar o terço. Todos em direcção à entrada. Esperou-se um bocado. R... r... r... É a nossa furgoneta que se aproxima. Dentro vem o Senhor Padre Sobral. Para e ele sai. Há grande alegria entre grandes e pequenos, pois é muito querido nesta casa de Paço de Sousa, onde cimentou grandes amizades.

Há muitos e apertados abraços. Nota-se mesmo comoção, que se pode ler neste momento, nas faces dos nossos rapazes. Que feliz comoção! Estas é que são precisas. Pois não se arranja com palavras mas sente-se com a alma. Este dia deve ter sido muito feliz e o começar de uma nova vida para alguns dos irmãos que se encontravam exilados ao longo da estrada da vida. Ainda com alicerces incertos. Sem confiança nos próprios edifícios por nós construídos. O Sr. Padre António Augusto Sobral, deve sentir-se feliz por ter seguido as pisadas recomendadas do Alto.

O tapete é seguido por todos. Passa-se a vacaria, casa quatro, alminhas e cis-nos na casa-mãe. Alegres, felizes, juntamente com nossos superiores, que sentem o nosso entusiasmo.

Não tínhamos festejado o S. Pedro como era tradicional. Tínhamo-nos guardado para este dia. Foi distribuído o fogo no refeitório: foguetes, bombas, bichinhas, etc. Não faltavam pirotécnicos ao desafio. Isto até se nota nos mais batatas. No largo entre a casa-mãe, capela e escolas, há grande confusão. Foguetes, bichinhas, bombas no ar, camisas queimadas, calças na mesma e todos cheios de medo por causa do «tribunab». Houve quem atirasse os foguetes rasteiros. Era quem mais se punha ao fresco! Não que a pele é nossa... Não podiam faltar as chamuscadelas nas sobranceiras e cabelo e não se registou mais nada!...

Sr. Padre Sobral entretem-se a falar com os rapazes da casa três, onde conquistou os primeiros amigos e entretanto as portas da casa-mãe fecham-se. O caso esteve mau, pois nas outras casas não haviam camas de vago. Teve de haver a agilidade dum bombeiro para saltar a janela, para que tivesse cama. E o dia findou aqui.

Canta o galo e ouve-se o esvoaçar das pombas. Olho aberto, olho fechado, reparamos que estávamos num novo dia. Lava-se a cara e veste-se o fato à tirone, pois hoje é dia de festa. Os primeiros raios solares espreitam-nos por entre as verdes ramagens da nossa quinta. Ouvem-se as primeiras badaladas da torre do velho mosteiro de Paço de Sousa onde repousam os restos mortais do grande português que foi Egas Moniz, quebrando o silêncio da virgem manhã.

São oito horas. Todos unidos na Capela, para rendermos graças ao Senhor por mais este benefício.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...

Hei-de ir ao altar de Deus. Ele é a alegria da minha juventude...

O neo-sacerdote sobe os degraus do Altar e todos em uníssono, cantam com alma. Tomando todos parte activa no que estava a desenrolar-se no Altar do Sacrifício. No banquete Eucarístico não faltaram os convidados do Senhor. Rasgaram o véu das trevas, para serem iluminados pelo fogo da Milícia Celeste. No fim foi a cerimónia do beija-mão e distribuição de recordações. Que bela festa nós fizemos. Há-de perdurar e há-de ser projectada ao longo da nossa vida, pelo ecran da nossa imaginação!

Em seguida pequeno almoço e no fim fomos dar uma voltinha. Sr. P.e Sobral e mais alguns foram visitar a *Ti Maria Mocha*, que habita uma casa do Património, mesmo coladinho ao nosso muro.

—Então ti Maria, como estás?

—Olhe a gente vai andando e a ficar mais velha. E *adei* é assim...

—Vamos aos figos?

—Ainda estão por criar, mas quando estiverem «bôs» eu dou-lhes uma abada deles...

Daqui, dois passos mais à frente e estamos em casa do gaiato Manuel Pinto.

Este, na sala de estar, devora as notícias do dia, sintonizando simultaneamente um receptor de rádio, enquanto sua esposa está atarefada com a con-

fecção do almoço. Em frente está um atraente quarto de banho. Um passo à direita, lá está seu leito e logo ao lado, entretida com uma chupeta na boca está um seu rebento, uma encantadora menina que distribue sorrisos aos circunstantes. Que encantadora menina, esta sobrinha dos gaiatos que ainda se encontram sob as telhas do Pai. O dia hoje é de alegria e de confraternização. Esta foi das coisas que mais me emocionou. Que quadro raro de beleza. Nem o maior pintor realista saberia interpretar quadro tão real. Bendito seja Deus e todas as suas grandezas!

Uma hora. Entramos no refeitório, que se encontra enfeitado e com nova disposição de mesas, quebrando a monotonia diária. Mesas em forma de feradura e a do Senhor Padre Sobral no meio. Decorreu no meio da maior alegria. Falaram o Daniel Borges, António Machado, Júlio Mendes, Senhor Padre Adriano e o homenageado, a quem demos uma grande ovação, mostrando quanto lhe queremos e o estimamos. Depois de darmos graças, fizemos uns bonecos e na aldeia foi feriado. Depois partiu para Moimenta da Beira, sua terra natal, na nossa furgoneta, tendo como volante o Senhor Padre Alberto, que não podia faltar de maneira nenhuma e o seminarista que tivemos o prazer de conhecer e que já temos na conta dos nossos amigos, Senhor Mário. E assim terminou com grande brilho, mais uma festa na nossa aldeia.

Daniel Borges da Silva

## LAR DO PORTO

### CONFERENCIA

—Depois das judiciosas palavras do Sr. P.e Adriano sobre a campanha «Tenha o seu pobre» que ele tão bem sintetizou no último número do nosso jornal, nada mais devo acrescentar, a não ser que a campanha continuará a falar novamente no pobre de S. Victor e num outro caso deveras impressionante. Quanto ao primeiro, pediu-nos que lhe arranjássemos uma casita, que de facto bem precisa, pelo que ficou resolvido tratar-se brevemente do seu caso. Este pobre foi alvo da caridade dos nossos benfeitores que para ele contribuíram com vários donativos.

O segundo caso diz respeito a um outro protegido nosso que passou os maiores tormentos para curar um mal que lhe fizeram.

Doente dos pulmões, nasceu-lhe também agora um abcesso por via de uma injeção mal aplicada. Corria todos os dias para o Hospital da Misericórdia, não só com prejuízo da sua saúde, como também material, pois tendo que ir amparado à mulher, esta nem podia ir trabalhar aos dias, como também gastava 6\$00 de carros por dia. O mal porém cada vez mais se agravava por via das caminhadas e do subir e descer escadas e foi assim que fomos chamados com toda a urgência por se encontrar muito mal. Quis Deus pô-lo no nosso caminho, quando corriamos para sua casa. Sentado numa valeta, abatido e desfigurado, perguntamos-lhe o que fazia ali. Ele não podia falar e foi a esposa que em breves palavras nos contou a sua desdita. Era necessário e urgente que alguém prestasse os primeiros socorros, valendo-nos nesta emergência o nosso bom amigo Sr. Castanheira Martins, Mesário do Hospital da Misericórdia que requisitou um dos chefes enfermeiros e Vicentino como nós, que com a maior solicitude socorreu o pobre homem. O que era necessário é que lhe fizessem o tratamento e ficasse assim decentinho na cama, que a ferida curava-se.

De Coimbra, uma anónima que diz pesar-lhe o «seu egoísmo» envia 100\$ para a nossa campanha. Minha Senhora, o seu pobre que de ora em diante socorre é uma pobre velhinha, manca, que vive num «Buraco» no Barredo, onde ainda há pouco, por via das cheias do Rio Douro teve de fugir mal-la sua cama por via das águas que lhe invadiram a sua choupana. Conforme seu desejo, visto não poder visitá-la, nós o faremos como até aqui.

Do Sr. José Mesquita Guimarães recebemos os primeiros 10\$00 e deseja que o seu pobre seja da freguesia do Bonfim. Sim senhor, é mesmo acima da nossa casa, na Rua D. João IV. É uma cancerosa a quem damos 20\$ por semana. Fica sendo portanto o seu e nosso pobre pois lhe daremos metade cada um. Está bem? Passe

pelo Lar e pergunte pelo cozinheiro que é o seu visitador.

De Vila Nova de Gaia recebemos 100\$ segundo nos parece com o mesmo fim. Como perdemos a carta, agradecemos que nos dissesse alguma coisa.

A. M. envia 100\$ para o pobre de S. Victor. Assinante 550—A. A. igual quantia com igual destino. C. G. 20\$ para o mesmo. Um assinante de «O Gaiato» 150\$ com igual destino, e por último a nossa boa amiga «Uma Maria» envia 15\$. E é tudo! Antes de vos agradecer queremos informá-los que estamos em dívida com um conto e pouco. O Senhor Padre Adriano emprestou 500\$ sem os quais não podíamos dar a esmola aos pobres o mês passado. Este mês vamos a ver. Quem é que nos acode?

Carlos Veloso da Rocha

## A venda do Jornal NO PORTO

Caros leitores mais uma vez me encontro na vossa presença para vos contar alguma coisa que tenha ocorrido na venda desta cidade. Temos a realçar que o «Famoso» tem tido mais propaganda, talvez devido ao nosso esforço, que sempre o tivemos e à boa vontade dos nossos amigos.

Oxalá que assim pelo menos continuei, mas caso queiram mostrar mais empenho na propaganda, melhor, agradecemos. Temos alguns factos desta vez. Um dos primeiros é o caso da venda no Banco Borges & Irmão. O Quim Pequeno é o actual vendedor, mas diz que vende perto de vinte jornais. Isto, porque só pode ir a uma ou duas repartições. Mas caso lhe deixassem vender em todas passaria para cem. Vejam os senhores a boa vontade do rapaz. Agora depende da Gerência dessa Empresa. De hoje em diante podemos contar com mais colaboração? Assim esperamos.

Viana do Castelo tem novo vendedor. em seus aposentos. Dai a razão da venda ter baixado mesmo bastante. Não é culpa do vendedor, que também é o Quim Pequeno. Talvez por estarem mais agarrados ao anterior. Mas olhem que tem a mesma vontade e empenho. Por isso atenção, não desanimem e avante é o caminho.

—Venho agradecer por intermédio da minha crónica à Relojoaria Suíça, o especial obsequio de me terem arranjado o relógio. Funcionava mal, mas devido aos reparos que levou, está óptimo e funciona como eu quero. Mais uma vez um muito obrigado e desculpem o incómodo.

—Atenção ao Camisola Amarela! Ele é vendedor esforçado de todas as quinzenas. Ultimamente não sei bem porquê, mas ando muito abaixo de forma. Talvez devido à camisola que trago comigo, olhando, reparo que já nem a cor se percebe. Motivo ainda mais decisivo é quando pego nela para vestir, vejo-me atrepalhado pois fica-me imenso apertada. Era ao que eu queria chegar. Não haverá alguém que queira oferecer uma camisola amarela para o guia da mesma? Vejam isto quanto antes, caso contrário tenho que a passar a outro.

Mário José C. Ramos

## BEIRE

Estamos no meio de montes, longe de casas, pois a povoação fica um pouco afastada e a pobreza sobe onde moramos; não nos larga. Insistem, insistem e que lhe havemos de fazer? Damos leite a mais um rapaz tuberculoso que só tem a mãe viúva e muito pobre, mais a outra velhinha que vive só e muito doente, nem pode ir pedir. Nós também somos pobres e é por isso que a gente andamos sempre a pedir às almas tão generosas que nos ajudam.

—Tivemos há dias alguns dos nossos rapazes de Paço de Sousa que nos vêm cá visitar aos domingos. E eu tive o prazer de apreciar isto: Estava o Formiga num dos nossos campos ajoelhado e um de nós perguntou-lhe o que fazia. Ando aos grilos. Pois os grilos deram para nos rirmos ao jantar. À mesa eu reparei que o Formiga tinha rezado e estava a comer de boina. O Formiga tira a boina. Não pá, senão

os grilos podem fugir. O Formiga tinha três grilos na cabeça tapados com a boina, mas é. E assim os levou para Paço de Sousa porque não tinha outra maneira. A quinta está cada vez mais bonita. Já começámos hoje a comer das nossas batatas e bem precisávamos. Dentro de poucos dias vamos tirá-las todas da terra. Estão muito boas. Temos muitos jardins e muitos campos semeados de milho. Novas coisas se vão erguendo. Portões ainda não temos e se tivéssemos ficavam abertos. Os senhores não tenham medo. Cá estamos prontos a recebê-los nesta casa. Não tenham medo de mandar o que for para aqui, para o «Calvário», para os nossos pobres. Mandar para Paço de Sousa dá muita baralhada, e às vezes estravia-se. O Pai Américo vem cá todos os dias, vê e toma conta do enviado para aqui: Casa do Gaiato de Beire—Paredes. E para agora quero lembrar aos senhores se têm para aí algum leite tónico. É para um tuberculoso.

Serafim Emanuel

## Património dos Pobres

—Continuação da 2.ª página—

e meias para o «Morris» — o carro que mais roda a bem dos outros!

Pelo desinteresse real da Indústria da terra, era de uma vez um operário que pede licença e entra. Tinha um problema doméstico. Ia falar ao seu patrão. Este resolve o caso em duas palavras: «isso não é assunto da fábrica» e assim o despede. Que erro! Não é esta a doutrina do Capital e Trabalho, como sempre foi e andou recentemente no congresso dos Patrões e Operários. Meio século de silêncio e de atraso, tem produzido na alma dos homens respostas como aquela: «isso não é assunto da fábrica». Pois que outro mais importante?

## Isto é a Casa do Gaiato

—Continuação da terceira página—

é o meu pai e ele sabe quem eu sou». Aqui temos o delito. Chame-se o culpado e faça-se justiça. Dito deste, dito de milhares e milhares de casos semelhantes. São eles, até, que onchem os asilos e levaram os Magistrados ao Congresso. Que se teria dito ali a este respeito? Quais as conclusões? Não sabemos de nada. Nós não fomos ali chamados; e é pena.

x x x

Zé Eduardo não me larga, à maneira que se vai aproximando do dia do seu casamento. Por tudo e para tudo aí vem ele à minha porta: «ande». Ora eu tenho «andado», sim, mas não é tanto como ele pretende, tendo eu há dias arriscado: «então a noiva não te ajuda»? Ao que ele respondeu num instante: «ela não tem um tostão».

Foi então que me «enchi de razões» e desatei que assim não estava certo. Que ele é um 5.º ano do Liceu, que está colocado num dos Bancos mais importantes do País, com ramos no estrangeiro. Que Deus o tinha favorecido com um palmo de cara muito de considerar e mais e mais e muito mais. Porque não escolhem vocês? rematei. A resposta do Rapaz veio logo: «Estas são as nossas mulheres, Pai Américo».

Era precisamente isto que eu desejava ouvir.